

Os novos públicos da rádio – relato de um projeto de uma *webradio* para surdos

Ana Catarina Silva*
a_catarina12@hotmail.com
Carina Martinho Coelho**
carina_mcoelho@hotmail.com
Francisca Cabedo**
chica_cabedo@hotmail.com
Maria Sousa**
xinasousa@sapo.pt
Luís Bonixe
Escola Superior de Educação
do Instituto Politécnico de Portalegre
IPP/C3I/CIMJ
luis.bonixe@gmail.com

Resumo

A rádio está a viver um processo de várias transformações decorrentes da sua migração para os meios digitais, permitindo-lhe adquirir novas funcionalidades. Por outro lado, os meios de comunicação social jornalísticos têm na sua génese uma responsabilidade social de inclusão dos vários públicos e comunidades existentes na sociedade. É com base nestes dois pressupostos que surge a Rádio Mãos à Conversa. Trata-se de um projeto jornalístico destinado à comunidade surda e que, utilizando a linguagem e o estilo radiofónico, tem a particularidade de todos os conteúdos disponíveis serem traduzidos para Língua Gestual Portuguesa.

Palavras-chave: Rádio, *webradio*, surdos, jornalismo, inclusão.

Introdução

Com a migração para a Internet, a rádio passou a incluir um conjunto de novas linguagens que, no limite, questionam o seu próprio conceito. A rádio em ambiente *online* deixou de ser exclusivamente sonora, passando a integrar ferramentas próprias da *world wide web* e assim entrando por caminhos que antes lhe eram vedados. A rádio é agora um conjunto que integra, não apenas o meio tradicional – que se mantém sonoro – mas que se expande para a rede global adquirindo aí novas formas e formatos e podendo atingir novos públicos.

Por outro lado, os meios de comunicação social devem, por definição, ser facilitadores da integração e promotores da diversidade das várias comunidades existentes numa sociedade. A ideia de pluralismo, entendendo-se aqui como a expressão pública das várias correntes de opinião, é um princípio que deve nortear a própria existência dos média.

A realidade é, porém, outra. Seja por impossibilidade técnica, seja no seguimento de políticas empresariais ou de cariz editorial, encontramos um *deficit* na representação mediática de determinados públicos.

É neste contexto que surge o projeto de criação de uma *webradio* para surdos. Ou seja, pretende-se combinar um novo ambiente para o meio radiofónico com a necessidade de inclusão de uma comunidade, neste caso os surdos, proporcionando-lhes uma representação do mundo através das notícias utilizando

* Licenciada em Jornalismo e Comunicação.

** Mestradas em Jornalismo, Comunicação e Cultura.

para tal a linguagem radiofónica, traduzida para Língua Gestual Portuguesa (LGP).

A Rádio Mãos à Conversa é uma *web-radio* com conteúdos jornalísticos e destinada à comunidade surda. O projeto foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto do curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre e foi inspirado em anteriores experiências realizadas em Portugal, como a iniciativa da TSF, em 2005, quando foram traduzidas para LGP 14 horas seguidas de emissão em direto.

A Rádio Mãos à Conversa é um projeto que se enquadra na lógica de uma comunicação inclusiva e responsável socialmente, concedendo a um público, até aqui excluído por impossibilidade técnica, a possibilidade de ter acesso a conteúdos pensados para rádio e construídos de acordo com a linguagem sonora da rádio.

Os novos caminhos da rádio

Longe vão os tempos em que a Internet era vista como uma ameaça para a rádio. Atualmente, académicos e jornalistas do meio radiofónico parecem convergir no mesmo sentido: a migração da rádio para um ambiente digital confere-lhe um conjunto de novas potencialidades que permitem o seu enriquecimento. Será, por essa razão, altura para se pensar em como a rádio pode retirar partido dessa aliança.

No estudo do Obercom (Amaral *et al.*, 2006) são identificadas algumas vantagens para a rádio decorrentes da sua migração para a Internet. Refere o estudo que a rádio ganha uma amplitude global já que uma mesma emissão poderá chegar a todo o mundo, e com qualidade sonora aceitável, ao invés das emissões em onda curta, por exemplo. Por outro lado, do ponto de vista do ouvinte, a Internet possibilita a escuta de uma infindável lista de emisoras disponíveis em todo o mundo. A Internet confere à rádio outro tipo de funcionalidades e linguagens que não estão no seu código genético, baseado, como é natural, na exclusividade sonora e na continuidade temporal da sua emissão. Uma das grandes vantagens que a Internet levou para a rádio foi a possibilidade de arquivar sons e programas, algo que na rádio

tradicional não era possível. Hoje, através dos sites das emisoras, é possível voltar a escutar os programas entretanto emitidos. A rádio na era da Internet confere mais poder ao próprio ouvinte que agora, em virtude das várias ferramentas de que dispõe, pode escolher e escutar os programas quando e onde quiser, descarregando, por exemplo, conteúdos em *podcast*.

Outro aspeto importante está relacionado com o sentimento de partilha e de relacionamento que adquire novos contornos, como sublinha Isabel Reis:

“Neste contexto a noção de partilha também se modifica: pode ser em tempos diferentes desde que se partilhe, e mais do que dar a conhecer aos outros é também participar e estimular a interatividade, ou seja, o contacto com e entre os outros e o objeto partilhado” (2011:25).

A rádio não deixou a sua especificidade, mas abraça agora um leque mais alargado de linguagens. Estaremos, pois, a falar de uma rádio que entrou na lógica da convergência dos média e que, por essa via, adquire novas potencialidades, pois como refere Cébrian Herberos, a tecnologia introduz “outras variáveis comunicativas, promove outros conteúdos e emprega outras linguagens de acordo com o grupo de usuários, com seus territórios e com cada período” (2011:4).

Significa dizer que a rádio do século XXI continua a existir na sua forma tradicional, é um facto, emitindo através das ondas hertzianas, e aí é exclusivamente sonora e emite em fluxo. Mas também existe nas plataformas digitais, é multimédia e disponibiliza conteúdos de modo fragmentado. Está nas redes sociais e nos telemóveis. A rádio é multiplataforma, mais interativa e móvel do que antes.

Da rádio à *webradio*

A presença da rádio na Internet é vista como uma oportunidade para a criação de canais alternativos e complementares de difusão. A *webradio* é o exemplo de como a rede global potenciou novos contextos de comunicação sonora. Efetivamente, não estaremos a falar de rádio, se por rádio nos limitarmos ao conceito clássico de uma comunicação exclusivamente sonora e de emissão em fluxo. Mas estamos a

falar de comunicação que se baseia no som e que, no caso das *webrádios*, acrescenta uma série de outros recursos não sonoros às suas mensagens.

A *webrádio* deve a sua existência à Internet. Importou, pelo menos numa primeira fase, a linguagem sonora do meio radiofónico e faz parte do rol de novas ferramentas que a rádio tradicional, com a sua presença na *web*, adotou. Para Nair Prata (2008), a *webrádio* faz uso de novos géneros como o *mail*, os *chats* ou os fóruns, mas importou também as formas da rádio hertziana.

Já Laurent Gago (2004) refere que as *webrádios* se inspiram no conceito de liberdade de circulação de informação que a Internet propicia e, tal como em muitos projetos surgidos na *world wide web*, são o resultado de gostos e interesses pessoais. Um dado que não é de todo de desprezar é o facto de terem aberto o espaço de participação ativa dos cidadãos com conteúdos sonoros. As *webrádios* representam instrumentos interessantes de alargamento da participação dos indivíduos no espaço público ao proporem novos conteúdos ou aprofundar os já existentes e, por essa via, captar novos públicos.

O caso português ilustra esta situação, em particular com a aposta que alguns grupos de média, incluindo a rádio pública, têm feito nesta área, criando *webrádios* temáticas, temporárias (funcionam apenas enquanto decorre um determinado evento, por exemplo a Rádio Euro 2008) ou com conteúdos alternativos. A existência de *webrádios* tem, igualmente, ajudado a diversificar a oferta de conteúdos sonoros possibilitando que diferentes instituições de vária índole criem a sua própria rádio. São disso exemplo, as várias *webrádios* universitárias ou rádios comunitárias, estas últimas impedidas de existir em Portugal no espectro hertziano em virtude de a legislação não o permitir. A existência de *webrádios* permite contornar essa situação.

É neste contexto, e estabelecendo uma ligação com a responsabilidade social que cabe aos média jornalísticos no sentido de se apresentarem como um palco para a inclusão dos vários públicos, que surge o projeto de uma *webrádio* para surdos e que apresentaremos nos seguintes pontos deste artigo.

Uma rádio para surdos – as experiências anteriores

A ideia de traduzir para Língua Gestual Portuguesa (LGP) conteúdos radiofónicos não é pioneira do projeto que aqui apresentamos. A TSF deu os primeiros passos a este nível, no dia 7 de abril de 2005, ao traduzir para LGP catorze horas em direto da sua emissão. Entre as 8 da manhã e as 22 horas, os surdos puderam, pela primeira vez em Portugal, acompanhar uma emissão radiofónica que incluiu a Manhã Desportiva da TSF, o Fórum TSF, o Fórum Mulher, a Tarde Informativa e o relato do jogo Newcastle/Sporting, que a TSF transmitiu em direto de Inglaterra. Incluiu ainda os noticiários emitidos durante o período referido, bem como todos os outros espaços informativos (informação financeira, desportiva, económica, etc). Durante a emissão, sempre que no ar estava informação de trânsito, música, pequenas intervenções do locutor ou publicidade, o acompanhamento da emissão com Língua Gestual Portuguesa foi interrompido.

A TSF procurou durante o dia aproximar à comunidade surda as temáticas abordadas. Por essa razão, o programa com a participação dos ouvintes, Fórum da TSF, foi neste dia dedicado à problemática da pessoa com deficiência. O mesmo tema, pela mesma razão, foi abordado no Fórum Mulher, a partir das 15 horas. Na tarde informativa houve intervenções em direto da Feira das Capacidades, com entrada nos noticiários das 16 horas e em diante. Foi sempre feita a referência que a TSF estava naquele dia a fazer uma emissão para surdos, deixando claro que aquelas reportagens só foram feitas por esse motivo.

A emissão da TSF, com a respetiva tradução para LGP, pôde ser acompanhada através do site em www.capacidades.org.pt. A escolha da rádio TSF para esta iniciativa teve a ver com o facto de se tratar de uma emissora com muita palavra e por isso mais fácil de traduzir para LGP. Esta iniciativa pioneira partiu do Programa ACESSO da Unidade de Missão Inovação e Conhecimento (UMIC), da fundação para a Computação Científica Nacional que fornece a largura de banda; do INOV – INESC Inovação, que cedeu a tecnologia; da GrooveMedia, para o design; e dos intérpretes

da Associação de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e da empresa Manus Interpretis. A supervisão do projeto pertenceu à Federação Portuguesa das Associações de Surdos.

Também o Instituto Politécnico de Leiria através do projeto IPL (+) Inclusivo, que “tem por missão estimular a implementação de uma política global de inclusão em todos os domínios da ação do instituto e comunidade envolvente” apresentou, dentro das suas diferentes atividades, uma emissão de rádio para surdos durante a sua participação na iniciativa “7 dias com os media”, no dia 8 de maio de 2013. Durante uma hora (das 15 horas às 16 horas), organizou o programa especial “Comunicação Inclusiva”.

A iniciativa procurou aproveitar a Rádio IPlay que surgiu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do IPL, mas que já se alargou a todo o instituto. Funciona através de parcerias com rádios regionais/locais que, semanalmente, transmitem um programa de cerca de uma hora, produzido nos estúdios da IPlay.

Nesta base, foi assim que o programa “Comunicação Inclusiva” se desenvolveu. Tratou-se de uma emissão em direto, mas desta vez traduzida para Língua Gestual Portuguesa. O objetivo do programa foi o de sintetizar o primeiro ano temático do IPL (+) Inclusivo e integrou duas entrevistas: a Nuno Mangas, Presidente do IPL, e a Josélia Neves, professora dinamizadora do projeto.

Enquanto mentora da iniciativa, Josélia Neves¹ referiu que o mais difícil foi claramente manter os intérpretes de LGP durante uma hora seguida e em direto a traduzir os conteúdos.

Os percursos de um projeto

O projeto Rádio Mãos à Conversa surgiu no contexto da Unidade Curricular de Projeto do curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre. Assim, após identificado o problema de comunicação, que passava pela inexistência de uma plataforma mediática na qual conteúdos e linguagem radiofónica fossem traduzidos para Língua Gestual Portuguesa (LGP), teve início um processo de contactos

¹ Josélia Neves, coordenadora do projeto IPL (+) Inclusivo. Entrevista pessoal, 9 de maio de 2013.

com especialistas na área e comunidade surda que passaremos a explicitar de seguida.

A princípio, a ideia de criar uma rádio – palavra, música, efeitos sonoros e silêncio – para surdos, apresenta-se com um objetivo de difícil execução. Afinal vão os surdos ouvir? As imagens e as vibrações são componentes intrínsecas para que um surdo possa sentir o som. As pessoas surdas também cantam, dançam, tocam instrumentos musicais. Também têm sentido rítmico. E porque não a rádio? Foi a este desafio que nos propusemos.

Considerámos também relevante que os surdos, enquanto cidadãos, devem ter acesso a informação e conhecimento do e sobre o mundo para que possam participar no debate das questões públicas que, naturalmente, também os afeta. Neste contexto, os média devem ser facilitadores dessa integração no mundo das notícias. Ora, tendo em conta as dificuldades na apreensão da língua portuguesa, os surdos têm dificuldade em ler jornais e, por outro lado, a televisão, apesar de procurar formas de integração, como a utilização de parte do ecrã para a tradução da mensagem para LGP, julgámos que a rádio poderia, em virtude da sua transformação, ser também uma possibilidade de comunicação com a comunidade surda. É nesta base que nasce a Rádio Mãos à Conversa.

Um dos principais parceiros com vista à concretização deste projeto foi a Escola Básica Cristóvão Falcão, em Portalegre. Foi aí que começámos por recolher as primeiras informações sobre a especificidade da comunidade surda no que diz respeito ao modo como comunicam. Na referida escola, procurámos ter um contacto direto com os alunos e professores surdos, buscando o esclarecimento de questões relacionadas com os seus interesses e a forma como veem o mundo.

Um dos episódios marcantes em contexto de observação² da comunidade surda que realizámos na Escola Básica Cristóvão Falcão foi o contacto que mantivemos com um grupo de raparigas adolescentes, permitindo-nos perceber que, tal como os ouvintes, os gostos e interesses não variam muito: namoram, têm ídolos oriundos do mundo artístico e, poderá parecer estranho, em particular do universo musical.

² Observação realizada no dia 9 de abril de 2013.

Um outro passo importante para a prossecução do trabalho foi o contacto com o projeto que está a ser desenvolvido no Instituto Politécnico de Leiria e ao qual já nos referimos no ponto anterior do presente artigo. O IPL (+) Inclusivo permitiu conhecer as suas diferentes iniciativas realizadas para a comunidade surda, como a tradução para LGP das músicas da tuna do IPL, da missa em Leiria (e agora em Fátima) e de peças de teatro.

Outro marco que considerámos importante foi o contacto estabelecido com o projeto *Music for All*, da Escola Profissional Magestil. A informação aqui recolhida permitiu-nos perceber a importância da música para a comunidade surda. Situação que pode parecer um paradoxo, mas que nos ajudou a definir algumas opções para o nosso projeto. Ou seja, foi possível descobrir que os surdos gostam de música e que é possível assistirem a concertos como pessoas ouvintes. Os *Music for All* adaptam as condições do espaço para os surdos poderem ter um acesso completo à música. Por exemplo, o chão é forrado em madeira para que seja mais fácil sentirem as vibrações em conjunto com interpretação em palco onde, para além da Língua Gestual Portuguesa, existe também interpretação corporal, o que permite ao surdo ter a perceção se, por exemplo, a música é triste ou alegre.

O conjunto de contactos efetuados com a comunidade surda e especialistas nesta área foram cruciais para a definição dos caminhos a seguir no projeto, nomeadamente no que diz respeito aos conteúdos que integrariam os espaços noticiosos. A informação recolhida ajudou, por exemplo, na definição das secções editoriais tanto em relação à sua inclusão, como às que optámos por excluir. Um dos exemplos paradigmáticos daquilo que acabámos de dizer teve a ver com as notícias sobre ciência, cuja abordagem se torna difícil para os surdos, devido ao facto de não haver na Língua Gestual Portuguesa símbolos que expressem determinadas expressões científicas. Assim, apesar de considerarmos relevante incluir notícias sobre ciência, optámos por não as integrar no projeto.

Uma *webradio* para surdos – o projeto Rádio Mãos à Conversa

Os conteúdos presentes no site da Rádio Mãos à Conversa (<http://www.radiomaoaconversa.uphero.com/>) foram pensados em conjunto com os contactos que fomos fazendo ao longo do nosso caminho, com o objetivo de atingir as melhores formas de dar a informação para que a comunidade surda a entendesse. O projeto Rádio Mãos à Conversa pretende, utilizando a linguagem e o estilo radiofónico, que os surdos tenham acesso a informação atualizada, bem como programas dinâmicos que promovam o desenvolvimento, não esquecendo nenhuma faixa etária.

Pretendeu-se, como já aqui foi explicado, construir uma *webradio* e, por isso, adotar a linguagem radiofónica e juntá-la a outros elementos expressivos próprios do meio *online*. Assim, o som mantém-se (o que permite que a comunidade ouvinte seja também público da rádio), mas todos os conteúdos são traduzidos para Língua Gestual Portuguesa.

A construção do *site* procurou seguir dois caminhos. Em primeiro lugar, garantir que a informação recolhida junto da comunidade surda tivesse acolhimento com a utilização das ferramentas disponíveis *online* e, em segundo lugar, que a linguagem sonora fosse o principal recurso, por isso todos os conteúdos sonoros são traduzidos para LGP.

A apresentação do *site* está dividida em diferentes secções. A da “Atualidade” é a de maior referência no *site*, tendo em conta tratar-se de uma *webradio* informativa. O tema “Atualidade” engloba áreas como Política e Economia (na mesma subsecção), Cultura, Sociedade, Desporto. Cada uma das subsecções visa disponibilizar notícias, entrevistas e reportagens que vão sendo publicadas de acordo com critérios editoriais definidos previamente. Os conteúdos disponibilizados não se circunscrevem a informação específica relacionada com a comunidade surda, embora seja essa que merece maior atenção em termos editoriais.

Além destas peças, é disponibilizado diariamente um noticiário. É importante referir que relativamente aos acontecimentos que apresentem um maior interesse para a comunidade surda, é-lhes conferido um maior

destaque, como é o caso da notícia que abre o projeto e que está relacionada com o início da tradução para Língua Gestual Portuguesa das missas no Santuário de Fátima.

Do mesmo modo, há mais duas secções, ambas de periodicidade semanal: uma onde se apresentam entrevistas – “Conversas Abertas” – e outra de testemunhos e ainda uma secção aberta aos utilizadores para enviarem as suas histórias – “Estórias e Pessoas”.

Em destaque na página principal do *site* Rádio Mãos à Conversa, encontram-se três secções que terão sempre lugar privilegiado. São elas, “Multimédia”, “Curiosidades” e os “Concursos”. A primeira é um espaço com hiperligações para páginas da Internet com interesse para a comunidade surda, desde vídeos com interpretação em língua gestual (não só portuguesa – tal como na língua falada, na língua gestual os diferentes idiomas também existem. Há já muitas músicas traduzidas para língua gestual além da portuguesa, como a inglesa, francesa, etc.), a páginas na Internet que, de alguma forma, auxiliem os surdos na sua vida diária (hiperligações de associações para surdos, por exemplo).

Já as outras duas secções, “Curiosidades” e “Concursos”, pretendem estimular o interesse, a criatividade e a interatividade dos utilizadores. Do mesmo modo, o *site* dispõe de um espaço de literatura, onde é possível ler contos e poemas de diferentes autores, escolhidos e interpretados por Luís Ensinas, responsável pela Biblioteca Municipal de Portalegre, e por Maria João Reis, professora na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Como não existem só surdos adultos, o nosso projeto apostou em espaços dedicados aos mais novos. A secção “Mais-Jovem” é pensada para a faixa etária infanto-juvenil, com conteúdos noticiosos e lúdicos. As notícias que a constituem são construídas de modo a serem entendidas pelos mais novos, através de uma linguagem mais simples, para que a compreensão se torne mais fácil, mantendo o interesse dos conteúdos.

A construção da *webradio* obedeceu a um conjunto de critérios próprios do jornalismo *online* como seja a memória (criação de arquivos); multimédia (som e imagem com a intérprete de LGP); hipertextualidade (criação

de ligações de interesse para a comunidade surda) e interatividade.

Este último aspeto mereceu da nossa parte algum destaque. Assim, foi criada a secção “Colabore Connosco” que é uma forma de o *site* se abrir para os seus utilizadores. A partir desta secção é permitido aos mesmos colaborar com notícias, comentários ou sugestões. As contribuições dos utilizadores serão sempre moderadas, estando a sua publicação dependente dos critérios editoriais do *site*. Abrimos também aos utilizadores a possibilidade de comentarem os conteúdos noticiosos disponibilizados. Esses comentários são moderados pela equipa gestora da *webradio*.

A Rádio Mãos à Conversa está também presente nas redes sociais – Facebook e Twitter. Estas permitem uma relação de proximidade com os utilizadores e proporcionam um espaço de debate. A divulgação de novos conteúdos será anunciada nas redes sociais, bem como a partilha de opiniões. Fomentar o debate e manter uma interatividade com o público é um dos principais objetivos da Rádio Mãos à Conversa.

Notas finais

O projeto Rádio Mãos à Conversa surge na combinação de dois pressupostos. Em primeiro lugar, as transformações que o meio radiofónico está a atravessar em virtude da sua migração para a Internet, adquirindo aí elementos expressivos que não fazem parte do seu código genético. Em segundo lugar, a consciência de que os média têm na sua essência uma função social que se consubstancia também na inclusão de determinados públicos, muitas vezes esquecidos nos e pelos meios de comunicação social.

Enquanto projeto jornalístico, a Rádio Mãos à Conversa pretende ser um espaço que inclua a comunidade surda e que através da linguagem radiofónica transmita uma parte do mundo a este público específico. Nesse sentido, todos os conteúdos editados foram pensados em função da comunidade surda. A interpretação em Língua Gestual Portuguesa dos conteúdos disponibilizados é o ponto fulcral do projeto Rádio Mãos à Conversa.

A experiência levada a cabo com a realização deste trabalho permite-nos concluir

que está longe de se esgotar nesta primeira fase. Será necessário, no futuro, colocar novos desafios ao projeto com o objetivo de o colocar à prova.

Como ideias para o futuro, a Rádio Mãos à Conversa poderia incluir, numa fase mais avançada, o *streaming* que daria uma maior atualização dos conteúdos, tendo em conta que a informação seria transmitida em direto. Para além dos conteúdos jornalísticos, foi pensado, para uma fase futura, transmitir relatos de futebol em direto. Apostar nas redes sociais é também um desafio, pois poderão estimular um relacionamento de proximidade com o ouvinte e dinamizar o debate em torno de questões de interesse para a comunidade surda.

Após quatro meses de investigação, trabalho e conversas sobre o tema, percebemos que o projeto em si não é de fácil execução. Não tanto devido à sua complexidade técnica e tecnológica, que não é inultrapassável, mas sobretudo por questionar conceitos e levantar questões que muitas vezes geraram nos interlocutores desconfiança e descrédito.

Um elemento importante e a explorar no futuro será, seguramente, uma avaliação que deverá ser feita junto da comunidade surda, no sentido de se perceber, com maior rigor, qual a perceção que possuem e a utilidade para o seu quotidiano de um projeto como este que aqui apresentámos.

Bibliografia

AMARAL, S. *et al.* (2006). As rádios portuguesas e o desafio do (on)line. Disponível em: http://www.obercom.pt/client/?newsId=254&fileName=wr3_radio_revisto_gustavo_rita_pdf_pat.pdf [Consulta: 1 de outubro de 2006].

BONIXE, L. (2012). *O que está na rádio que não é rádio – um estudo sobre os formatos não sonoros nos sites de emissoras de informação portuguesa*. In: <http://cobciber3.files.wordpress.com/2013/03/livro-de-atas-iii-cobciber-bonixe.pdf> [Consulta: 3 de junho de 2013].

GAGO, L. (2004). *La radio sur Internet: approche de l'innovation par l'étude des représentations et des services en ligne. Le cas de Ouï Fm.com et de Diora.com*. Disponível

em: <http://www.grer.fr/article16.htm> [Consulta: 17 de novembro de 2006].

HERREROS, M. (2011). *O rádio no contexto da comunicação multiplataforma*. In: <http://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrian-herreros-pt.pdf> [Consulta: 3 de junho de 2013].

PRATA, N. (2008). *Webradio: Novos Géneros, Novas formas de Interação*. Tese de Doutoramento. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/AIRR7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf [Consulta: 20 de julho de 2008].

PEJ – Projeto Jornalismo e Sociedade (2012). *Para uma Carta de Princípios do Jornalismo na Era da Internet*. In: <http://estadodasnoticias.info/home/relatorios/principios-do-jornalismo/> [Consulta: 21 de maio de 2013].

REIS, I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, vol. 20, pp. 13-28.